

SUFIXOS GRADUADORES NOMINAIS: ASPECTOS SEMÂNTICO-COGNITIVOS E DISCURSIVO-PRAGMÁTICOS

Edvaldo Balduino BISPO⁴⁴

Vanessa Guedes de CARVALHO⁴⁵

Resumo: Discutimos, neste artigo, o emprego de sufixos graduadores nominais em situações comunicativas reais, com o objetivo de identificar motivações de ordem semântica, cognitiva, discursiva e pragmática implicadas nesse emprego. Para tanto, fundamentamo-nos na perspectiva funcional centrada no uso (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013), segundo a qual as formas da língua possuem estreita ligação com as funções a que elas servem em contexto efetivo de interação verbal. Metodologicamente, trata-se de uma investigação quali-quantitativa, em que são mescladas mensuração e interpretação de dados. O *corpus* analisado compõe-se de textos escritos do português brasileiro representativos dos gêneros textuais carta do leitor e coluna social.

Palavras-chave: Sufixos graduadores nominais. Linguística Funcional Centrada no Uso. Motivações semântico-cognitivas. Motivações discursivo-pragmáticas.

Abstract: *In this paper, we discuss the use of noun degree suffixes in actual communicative situations, with the aim to identify semantic, cognitive, discursive-pragmatic motivations for that use. We have based the paper on the Functional Linguistics Centered in Use (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013), by which the linguistic structure is very close to its functions in verbal interaction. Methodologically, it is a quali-quantitative research in which we quantify and explain instances of language use. The corpus analyzed has written texts in Brazilian Portuguese from reader's letter and social column text genres.*

Keywords: *Noun degree suffixes. Functional Linguistics Centered in Use. Semantic and cognitive motivations. Discursive-pragmatic motivations.*

⁴⁴ Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL)/UFRN, Membro do Grupo de Pesquisa Discurso & Gramática/UFRN, Natal/RN, Brasil. E-mail: edbbispo@gmail.com.

⁴⁵ Mestre pelo PPgEL/UFRN, professora da Rede Estadual de Ensino, Natal/RN, Brasil. E-mail: vanessaguedes191@gmail.com.

Introdução

Desenvolvemos, neste artigo, um estudo do grau, mais particularmente dos sufixos graduadores nominais, observando como esse fenômeno é abordado por alguns gramáticos tradicionais e por linguistas. Focalizamos motivações para o uso desses elementos mórficos em situações reais de interação verbal, considerando aspectos de ordem semântico-cognitiva e discursivo-pragmática.

O que aqui chamamos de sufixos graduadores nominais corresponde aos elementos que, acrescentados à direita de um radical, servem, entre outras coisas, para indicar o grau dos substantivos, adjetivos e advérbios. No caso dos substantivos, sufixos como *-ão*, *-ona*, *-orra*, por exemplo, são tradicionalmente associados ao grau aumentativo, enquanto *-inho*, *-ito*, *-isco*, entre outros, são relacionados ao diminutivo. Quanto aos adjetivos e advérbios, os sufixos exprimem o grau superlativo, como é o caso de *-imo*, *-érrimo*, *-íssimo*, *-inho*.

Via de regra, esses sufixos recebem pouco tratamento na maioria das gramáticas tradicionais. A abordagem geralmente circunscreve-se apenas a uma classificação quanto ao grau dos substantivos (aumentativo e diminutivo) e dos adjetivos e advérbios (comparativo, superlativo), desconsiderando a diversidade de sentidos que esses elementos podem expressar, como acontece em (1) e (2).

- (1) Com corpo perfeito e os olhos mais azuis de Hollywood, Cameron Diaz nunca precisou ter grandes talentos interpretativos: bastava fazer uma versão engraçada de si mesma. Mas o tempo passa, a concorrência aumenta e as exigências de padrões absurdos de magreza parecem não ter fim no meio artístico. Na estreia em Los Angeles de *O Besouro Verde*, Cameron surgiu quase descarnada de tão magra. Nem o bronzeado das férias no México com Alex Rodriguez, o **bonitão** do beisebol. (ex de Madonna e de Kate Hudson), compensou. Um espaguete duplo, por favor. (*Gente*, 19 jan. 2011, p. 76)
- (2) Recife perdeu o fôlego não devido à preguiça de seus moradores ou de governos fracos. Isso ocorreu como consequência do declínio da indústria açucareira e do posterior crescimento da cultura do café, que encontrou terras excelentes em São Paulo. Foi por essa razão que o eixo cultural e econômico migrou para o Sudeste. Fico muito feliz com o fato de que um acidente geográfico, uma costa com águas profundas ideais para a construção de um porto, tenha trazido novamente o foco da discussão econômica para Pernambuco. Que o Nordeste deixe de ser a região **coitadinha** e contribua cada vez mais para aumentar o PIB nacional. (*Carta do Leitor*, 11 mai. 2011, p. 49)

A amostra em (1) traz o uso do sufixo *-ão* para reforçar uma avaliação a respeito do jogador de beisebol feita pelo colunista da revista. Nesse caso, o sufixo enfatiza, intensifica a beleza do rapaz como também o coloca em uma posição de destaque em relação a outros jogadores que praticam o mesmo esporte que ele. Notemos que o termo *bonitão* integra uma expressão de valor explicativo em relação ao jogador (*o bonitão do beisebol*) e está precedido de artigo definido, o que indica a singularidade da beleza da pessoa caracterizada.

A carta do leitor em (2), por sua vez, refere-se ao artigo de Cláudio de Moura Castro, intitulado *Vinte metros de profundidade*, publicado na edição anterior da revista, no qual o autor falava sobre a construção do porto de Suape na costa pernambucana. O leitor faz um comentário sobre o assunto do artigo, retomando, historicamente, a perda do potencial econômico de Pernambuco para o Sudeste, e entende que a construção do porto representa a possibilidade de o estado – e a região Nordeste como um todo – voltar a ser protagonista na economia nacional, deixando o *status* de região pobre, sofrida. Nesse intento, o leitor mobiliza alguns recursos linguísticos, como o uso do adjetivo *coitado* e, em particular, o emprego do sufixo *-inha*, em referência a uma determinada visão sobre o Nordeste. Observemos que o sufixo em questão não exprime ideia de diminuição de tamanho, mas o encarecimento, a intensificação da noção contida em *coitada*.

Em relação a investigações no campo da linguística, há trabalhos que tratam dos diferentes valores do grau, a exemplo de Basílio (1989), Melo (2003), Gonçalves (2003, 2007) e Silva (2008, 2014). Contudo, alguns desses estudos não consideram dados reais de uso da língua e outros não destacam aspectos específicos relativos ao emprego de sufixos graduadores nominais, tomando por base fatores semânticos, cognitivos, discursivos e pragmáticos. Dessa maneira, parece haver questões a serem exploradas e discutidas acerca do uso desses elementos mórficos.

Dada essa constatação, nossa investigação busca preencher lacunas quanto ao estudo de sufixos graduadores nominais. Perseguimos dois objetivos básicos: a) verificar a frequência dos tipos semânticos de grau codificados por esses sufixos; b) identificar aspectos de natureza semântico-cognitiva e discursivo-pragmática subjacentes ao emprego desses elementos mórficos.

Para empreendimento deste trabalho, fundamentamo-nos, teórico-metodologicamente, na Linguística Funcional Centrada no Uso, nos termos postulados por Martelotta (2011) e Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013). Assumimos que a estrutura linguística deriva de seu

uso e que o plano da expressão guarda estreita relação com o plano semântico-cognitivo. Desse modo, partimos do pressuposto de que, para melhor compreender os fatos da língua, é preciso considerar os contextos comunicativos em que eles se dão e que funções a eles estão associadas na interação discursiva.

Do ponto de vista metodológico, realizamos pesquisa qualitativo-interpretativista, com suporte quantitativo evidenciador de tendência de uso. Nosso banco de dados é constituído de textos extraídos da revista *Veja*, representativos de dois gêneros textuais, a saber, carta do leitor e coluna social.

Suporte teórico

A base teórica em que fundamentamos este trabalho é a Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU). Cunhado no âmbito do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (D&G), o termo LFCU representa desdobramento do que Matelotta (2011) denominou Linguística Centrada no Uso, que corresponde, em termos teóricos e metodológicos, à Linguística Cognitivo-Funcional (TOMASELLO, 1998) e a *Usage-based Linguistics*, nos termos de Bybee (2010). Essa abordagem teórica reúne contribuições dos estudos da Linguística Funcional representada por autores como Heine (1994), Givón (1990, 2012[1979]), Furtado da Cunha et al (2003), Bybee (2010), Matelotta (2011), da Linguística Cognitiva, tal como sustentada por Lakoff e Johnson (1980, 1999), Langacker (1987), e da Psicolinguística, como Taylor (1992, 1998) e Tomasello (1998).

Segundo essa perspectiva teórica, há uma estreita relação entre a estrutura linguística e os usos que dela se fazem na interação social, de modo que a configuração morfossintática dos enunciados é fortemente motivada por fatores decorrentes da situação comunicativa. Ainda conforme essa abordagem, as categorias linguísticas são baseadas na experiência que temos das construções em que elas ocorrem, do mesmo modo que as categorias por meio das quais nós classificamos objetos da natureza e da cultura são baseadas na nossa experiência com o mundo. Todos os elementos que compõem o processo que leva ao desenvolvimento de novas construções gramaticais surgem do uso da língua em contexto e envolvem habilidades e estratégias cognitivas que também são mobilizadas em tarefas não linguísticas (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013).

Assume-se, então, que a categorização conceptual e a categorização linguística são análogas, ou seja, o conhecimento do mundo e o conhecimento linguístico seguem, essencialmente, os mesmos padrões (TAYLOR, 1998; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2003). Sendo a categorização o processo cognitivo mais básico, por meio dela são estabelecidas as unidades da língua, seu significado e sua forma (BYBEE, 2010). De acordo com essa visão, as línguas são moldadas pela interação complexa de princípios cognitivos e interacionais que desempenham um papel crucial na mudança linguística, na aquisição e no uso da língua. Assim, a língua(gem) constitui um mosaico complexo de atividades comunicativas, cognitivas e sociais estreitamente integradas a outros aspectos da psicologia humana (TOMASELLO, 1998).

O princípio básico da LFCU consiste no fato de que a estrutura da língua emerge à medida que esta é usada (BYBEE, 2010). Essa vertente teórica entende a aparente regularidade e a instabilidade da língua como motivadas e modeladas pelas práticas discursivas dos usuários no cotidiano social (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007). Busca, então, descrever e explicar os fatos linguísticos com base nas funções (semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas) que desempenham nos diversos contextos de uso da língua, integrando sincronia e diacronia, numa abordagem pancrônica (BYBEE, 2010).

Entre os processos, princípios e categorias analíticas da LFCU, fazemos uso dos processos metafóricos e metonímicos, além das relações de objetividade, subjetividade e intersubjetividade como forma de dar conta das motivações para os diversos usos dos sufixos graduadores nominais.

A metáfora representa um caso de operações entre domínios cognitivo-conceituais, imprescindível no processamento mental e no intercâmbio de significação comunicativa (FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013). Conforme Lakoff e Johnson (1999), caracteriza-se pelo mapeamento entre domínios conceituais, em que determinadas noções de um domínio são projetadas em outro. Ou seja, um conceito é formulado em termos de outro pelo fato de compartilharem alguma(s) correspondência(s) conceitual(is).

Com relação à metonímia, segundo Lakoff e Turner (1989), ela constitui um mapeamento dentro de um mesmo domínio conceitual, de modo que uma entidade de um domínio pode ser utilizada para se reportar a outra entidade desse mesmo domínio. Trata-se de um componente básico do nosso aparato racional, ou seja, do nosso sistema cognitivo. É

focalizada como uma questão de conceitualização, no sentido de que, em parte, responde pelo processamento de determinadas formações conceituais.

Quanto à relação de objetividade, entendemos, com base em Traugott e Dasher (2002), que ela se manifesta quando o falante pretende descrever ou explicar situações da forma como elas se apresentam na realidade. Segundo os mesmos autores, a linguagem objetiva tem sido associada à frase declarativa, ativa, em que o ponto de vista do falante não é explicitamente codificado.

Já a subjetividade, numa perspectiva da língua em uso, envolve a expressão de si e a representação da perspectiva ou do ponto de vista do falante no discurso (TRAUGOTT, DASHER, 2002). Nos termos de Traugott (2010), a subjetividade refere-se ao modo pelo qual as línguas naturais, em sua estrutura e na forma normal de funcionamento, fornecem à interação a expressão do falante sobre si mesmo e sobre suas atitudes e crenças. Em outras palavras, por meio da subjetividade, o falante manifesta seu ponto de vista em relação àquilo de que trata. Para tanto, são mobilizados diferentes recursos linguísticos de que dispõe o falante/ escrevente, como é o caso dos sufixos graduadores nominais.

Em relação à intersubjetividade, Traugott (2010) a define como a maneira pela qual as línguas naturais, em sua estrutura e forma normal de funcionamento, fornecem à interação a expressão da consciência do falante sobre as atitudes e crenças do interlocutor, mais especificamente sobre sua autoimagem. Dito de outro modo, a intersubjetividade refere-se às estratégias de sentido utilizadas pelo falante, como participante do evento comunicativo, em relação ao seu interlocutor para fins de monitoramento, influência e/ou controle de sua atenção, de suas atitudes, de suas ações etc.

Consideramos ainda o papel que têm as diferentes formas de organização textual na mobilização dos recursos linguísticos disponíveis para a estruturação dos textos. Assumimos com Marcuschi (2005, 2008) que os gêneros textuais e as sequências textuais em elaboração selecionam determinados recursos léxico-gramaticais para sua composição estrutural. Nesse sentido, o uso de diversas formas da língua, como é o caso dos sufixos graduadores nominais, pode relacionar-se à natureza do gênero textual em que figuram. Isso envolve, entre outros aspectos, diferentes graus de formalidade implicada na interação discursiva, distância social entre os interactantes, propósitos comunicativos múltiplos, diferentes práticas sociais.

Questões metodológicas

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa predominantemente de caráter qualitativo-interpretativista com suporte quantitativo. Este último aspecto relaciona-se com a natureza mensurável dos dados levantados no *corpus*, os quais dão conta da realidade empírica do fenômeno investigado, de sua caracterização e de sua frequência de uso. Quanto à dimensão qualitativo-interpretativista, ela diz respeito ao viés analítico e explicativo deste trabalho, no sentido de elucidar motivações semânticas, cognitivas, discursivas e pragmáticas implicadas na recorrência a sufixos graduadores nominais nos textos considerados.

No que se refere ao *corpus* de nossa pesquisa, consiste ele de textos publicados no primeiro semestre de 2011 na revista *Veja*, representativos dos gêneros textuais Carta do Leitor e Coluna Social, esta última identificada como seção *Gente* na revista. Mais especificamente, contamos com 625 cartas do leitor e 124 textos da coluna social. A opção por esses gêneros deveu-se à sua natureza opinativa, avaliativa, ou seja, nesses textos são emitidas opiniões ou avaliações de seus autores sobre um determinado assunto ou pessoa, o que favorece o uso de elementos foco de nossa investigação.

Para o levantamento e tabulação dos dados, consideramos, além da separação por gênero textual, a tipologia semântica do grau proposta por Silva (2014), a qual será descrita na próxima seção. Feita a organização dos resultados quantitativos, procedemos à análise qualitativa dos dados, tomando por base aspectos semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos, conforme exposto em seções posteriores.

Abordagens da categoria grau

O estudo dos sufixos graduadores nominais nas gramáticas tradicionais remete basicamente a uma classificação quanto ao grau dos substantivos, dos adjetivos e dos advérbios, em suas formas sintética e analítica (CUNHA; CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 1994; BECHARA, 2009). Via de regra, são apresentados os valores dimensivo, comparativo e intensivo no uso do grau.

Também são contemplados por alguns desses autores outros valores semânticos associados ao grau. Bechara (2009), por exemplo, registra que as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certas

peessoas e objetos, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entoação (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa etc.) e os entornos que envolvem o falante e o ouvinte, a exemplo de *poetastro, politicalho, livreco, padreco, coisinha*. Além disso, para o autor, a ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho, que transparece em formas diminutivas de bases léxicas como *paizinho, mãezinha, queridinha*.

Cunha e Cintra (1985), por sua vez, destacam que os sufixos aumentativos emprestam ao nome ideias de desproporção, de disformidade, de brutalidade, de grosseria ou de coisa desprezível (*narigão, beijorra, pratalhaz ou pratarraz, atrevidação, porcalhão etc.*). No caso do sufixo diminutivo, os autores expõem que é utilizado, na maioria das vezes, para expressar um sentimento afetivo, além de veicular impulso negativo, como desprezo, ofensa.

No campo da linguística, existem alguns poucos trabalhos dedicados exclusivamente ao estudo do grau. É o caso de Cruzeiro (1973), que aborda essa questão no português dos séculos XIII a XV. Trata-se de uma obra de cunho predominantemente descritivo (mas não normatizador nem restrito aos padrões cultos), que nos fornece um panorama dos diversos recursos intensificadores utilizados nesse período no português europeu. Outro trabalho sobre esse tema é o de Staub e Regueira (1973), o qual se constitui numa explanação eminentemente descritiva, tratando das origens etimológicas do sufixo superlativo erudito (nas formas -*íssimo*, -*érrimo* e -*ílimo*). Discute, ainda, a questão flexão/derivação quanto à categoria grau. Fonseca (1985), também abordando o mesmo assunto, dedica-se a analisar a configuração e o funcionamento da comparação enfática (denominada por Fonseca de "comparação emblemática"), procurando conjugar fatores de ordem sintática, semântica e pragmática, no âmbito da Linguística da Enunciação.

No estudo de Basílio (1989) sobre teoria lexical, registra-se que alguns sufixos aumentativos são usados para designar objetos através do tamanho ou mesmo intensidade de alguma qualidade, como em *Mineirão, orelhão, frescão, Minhocão*, assumindo, assim, uma função denominadora. A mesma autora destaca, ainda, a função subjetiva nos processos de formação de palavras, focalizando valores pejorativos, afetivos, atitudes emocionais etc.

Há, ainda, um texto de Melo (2003) e dois de Gonçalves (2003, 2007) versando sobre essa temática. O primeiro consiste de um pequeno artigo de orientação laboviana, enfocando a intensificação "não-convencional" em narrativas orais como "avaliação implícita". Quanto aos de Gonçalves, um (de 2003) concentra-se na "função indexical" dos sufixos -*íssimo*, -*érrimo* e -*ésimo*. É um trabalho que, situado no campo da Sociolinguística, intenta promover a interface

entre prosódia, morfologia e pragmática, procurando estabelecer uma relação entre o sexo dos falantes e a escolha dessas formas intensivas. O outro (de 2007) encaminha-se para o domínio da morfologia lexical, retomando a velha controvérsia flexão/derivação do grau no português.

Além desses, Silva (2008), em sua pesquisa, trata o grau como um universal semântico-linguístico, ao lado de fenômenos como dêixis, transitividade, referenciação, entre outros. Nesse sentido, analisa essa categoria conceitual em seus aspectos semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos, correlacionando-os à sua variada configuração formal. Em trabalho mais recente (SILVA, 2014), o autor propõe a classificação do grau em seis categorias semânticas, quais sejam: dimensivo, quantitativo, intensivo, hierárquico, avaliativo e afetivo.

O *grau dimensivo* refere-se ao escalonamento, em nível aumentado ou diminuído, do tamanho, estatura ou proporção/extensão física de uma dada entidade (ser ou coisa) (SILVA, 2014). É o que acontece, por exemplo, no trecho a seguir.

- (3) [...] mais adiante vamos ver umas pedras grandes que vem escorrendo águas bem finas, rios bem largos com *pedrinhas* de várias cores [...] (*Corpus D&G Rio de Janeiro*, língua escrita, p. 76)

Em *pedrinhas*, o sufixo graduador é empregado para indicar a dimensão física do referente (*pedras*). Nesse caso, o sufixo refere-se ao pequeno tamanho das pedras.

O *grau intensivo* tem a ver com o incremento semântico aplicado a um(a) determinado(a) conteúdo/noção para além de sua concepção normal ou já graduada. Assim, temos manifestação da intensidade do grau, caracterizada pelo reforço escalar, de direção para mais ou para menos, atribuído a um dado conceito (SILVA, 2008; 2014). Na amostra a seguir, temos a intensificação da ideia de beleza com o acréscimo do sufixo *-íssima*, dado que a palavra *bela* já nos transmite a noção de algo ou alguém muito bonita.

- (4) **Belíssima**, feminina, talentosa e audaciosa na busca pelos seus desejos, a atriz Elizabeth Taylor conjugou o verbo viver em todos os tempos e modos. (*Carta do Leitor*, 6 abr. 2011, p. 32)

O *grau quantitativo* vincula-se, especificamente, à quantificação indefinida de referenciadores ou de noções contáveis/mensuráveis, para mais ou para menos (SILVA, 2008; 2014). Na amostra a seguir, o sufixo *-eiro* em *aguaceiro* e *lamaceiro* indica a ideia de muita água e de muita lama, respectivamente.

- (5) Fãs da música pop no festival de Glastonbury, na Inglaterra, terão de lidar com mais um dia de **aguaceiro**, neste sábado, em que o evento entra na sua segunda jornada. Partes do local viraram um **lamaceiro** devido à chuva forte que substituiu uma semana de sol na fazenda de Michael Eavis em Somerset,...

(<http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2007/06/23/296486657.asp>. Acesso 01/10/2011)⁴⁶

Conforme Silva (2008; 2014), o *grau hierárquico* é denotado através da referência à posição de uma dada entidade ou estado de coisas, considerado(a) como possuidor(a) de status/condição superior ou inferior, numa escala de valores. Esse tipo de noção gradual pode se aplicar tanto a conceitos designativos de relações sociais como aos vinculados a julgamentos apreciativos. No texto a seguir, o sufixo *-ão* indica uma posição de superioridade do empresário Mauro Mendes como pai em relação a outros pais ao oferecer à sua filha uma grande festa.

- (6) Qualquer festa de arromba de 15 anos hoje em dia tem de trazer um ator jovem da Globo para dançar a valsa com a debutante. Um? Pois o empresário Mauro Mendes e sua mulher, Virgínia, de Cuiabá, levaram logo seis (e mais um modelo, Caco Ricci). A filha, Ana Caroline, foi carregada, mimada e rodopiada por, entre outros, Daniel Oliveira, Kayky Brito e Caio Castro. Só de cachês, foram cerca de 150 000 reais. “Meu marido foi candidato ao governo do estado e, por causa da campanha, tivemos de adiar a festa. Então precisávamos fazer alguma surpresa especial”, justifica Virgínia. O partido do desvelado **paizão**? PSB. Isso que é socialismo. (*Gente*, 2 fev. 2011, p. 73)

O grau avaliativo é denotado quando o falante/escrivente manifesta uma avaliação positiva ou negativa de algo ou alguém (SILVA, 2013). Vejamos o dado a seguir em que temos uma ocorrência com este tipo de grau.

- (7) Existe um tipo de homem que se casa com a mesma mulher – a matriz não muda, só diminuem os anos. O ator Leonardo DiCaprio, 36, adaptou a regra: é um namorador serial de loiras, lindas, altas e com nariz cheio de personalidade. Ao abrir a boca para sugerir casamento, a titular é automaticamente renovada por outra, pelo menos três anos mais jovem. A atual, Blake Lively, 23, **atrizinha** da série *Gossip Girl*, tomou o lugar da modelo israelense Bar Rafaeli, 26, que, por sua vez, havia substituído Gisele Bündchen, 30. Parece que Bar e Blake tiveram um período de superposição. Além do ti-ti-ti do namoro, Blake administra um probleminha de fotos nuas. Todas falsas, claro. (*Gente*, 8 jun. 2011, p. 116)

Em (7), o colunista faz comentários a respeito da opção de Leonardo DiCaprio em gostar de mulheres *loiras, lindas, altas*, enfatizando a facilidade que o ator tem de trocar uma mulher por outra, sempre mais nova. Ao falar da atual, o autor da Coluna a chama de

⁴⁶ Amostra retirada de Silva (2013, p. 128).

atrizinha. Nesse caso, a utilização do sufixo *-inha*, serve para indicar uma ideia de pejoratividade, de depreciação.

Quanto ao grau afetivo, de acordo com Silva (2013), ele consiste apenas em uma maneira de o locutor expressar seu carinho ou afeto para a pessoa a quem se dirige. Observemos a amostra a seguir.

- (8) Surpresa: para manter a silhueta simplesmente de babar que exhibe na capa da BOA FORMA, a atriz Ísis Valverde, 23 anos, a Marcela de *Ti-ti-ti*, em vez de ficar só bebendo água, como umas e outras alegam fazer, dá um duro danado. A dieta, com nutricionista, é praticamente de iogue profissional. Exemplo de “lanche”: balas de algas e biscoito integral. Ísis também faz aulas de balé três vezes por semana e exercícios com o personal trainer Jeferson Braga. “Ela não reclama de nada e é muito decidida”, elogia ele. Na novela, Ísis também tem de suar, metaforicamente para parecer convincente: além de se afastar do inafastável Caio Castro, ela troca o estilo **mineirinha** singela pelo papel de executiva. (*Gente*, 5 jan. 2011, p. 98)

No dado (8), o redator da Coluna ressalta a boa forma de Ísis Valverde. Além disso, mostra o que a atriz faz para manter o corpo bem. Para se referir a Ísis, o autor utiliza a palavra *mineirinha*. O sufixo *-inha*, neste caso, expressa uma ideia afetiva, que é verificada também por outros elementos presentes no texto, tais como *singela*.

Essa proposta mais refinada de classificação semântica do grau foi tomada como referência para a análise quantitativa dos dados, conforme se pode verificar na seção a seguir.

Ocorrências de sufixos graduadores nominais no *corpus*

Apresentamos, de forma resumida, os dados quantitativos de nossa pesquisa, contemplando o universo de textos nos quais foi feito o levantamento de ocorrências, além da distribuição dessas ocorrências em função dos dois gêneros textuais considerados e da classificação semântica do grau proposta por Silva (2008, 2013, 2014).

Dada a sobreposição de valores semânticos veiculados pelo uso de alguns sufixos graduadores, distribuímos as ocorrências do *corpus* em duas tabelas: a Tabela 1 contempla os casos em que identificamos apenas um tipo de grau para cada ocorrência, enquanto a Tabela 2 apresenta os casos de sobreposição de tipos de grau.

Gênero Textual	TIPO DE GRADAÇÃO						TOTAL							
	Dimensivo		Hierárquico		Intensivo				Quantitativo		Afetivo		Avaliativo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%		
Carta do leitor	1	5,3%	0	0%	9	47,4%	2	10,5%	2	10,5%	5	26,3%	19	100%
Coluna social	22	24,5%	2	2,2%	38	42,2%	2	2,2%	12	13,3%	14	15,6%	90	100%

Tabela 1: Distribuição dos sufixos graduadores nominais por tipologia do grau
Fonte: Carvalho (2015, p. 45)

Os dados da Tabela 1 nos mostram que, com relação aos tipos de grau propostos por Silva (2014), o intensivo foi o mais recorrente nos dois gêneros textuais: 47% na Carta do Leitor e 42% na Coluna Social. Já o segundo tipo mais recorrente apresentou diferença entre os gêneros textuais: avaliativo na Carta do Leitor e dimensivo na Coluna Social. Essa diferença também ocorreu com os demais tipos de grau. Vale destacar, ainda, que o grau hierárquico aparece em apenas um dos gêneros, no caso na Coluna Social. Esse tipo, aliás, representou o menor percentual de ocorrência.

Os quantitativos encontrados estão relacionados às características dos gêneros textuais, sobretudo em termos de propósito comunicativo. O maior percentual do grau intensivo na Carta do Leitor é perfeitamente condizente com a natureza desta: uma vez que as cartas expressam o posicionamento, a avaliação do redator a respeito de um determinado assunto, reportagem ou notícia discutida na revista, é natural o uso de elementos que intensificam aspectos das ideias expostas. Pela mesma razão, há um alto percentual do grau intensivo nos textos da Coluna Social.

Com relação aos casos de sobreposição, a Tabela 2 sintetiza, quantitativamente, as ocorrências encontradas no *corpus*.

Gênero Textual	TIPO DE SOBREPOSIÇÃO DE GRAU							TOTAL
	Dimensivo/ Intensivo	Dimensivo/ Avaliativo	Dimensivo/ Afetivo	Quantitativo/ Avaliativo	Intensivo/ Avaliativo	Intensivo/ Afetivo	Avaliativo/ Afetivo	
Carta do leitor	0	7	2	0	6	0	0	15
Coluna social	1	5	16	1	8	2	1	34

Tabela 2: Distribuição dos sufixos graduadores nominais por sobreposição de grau

Fonte: Carvalho (2015, p. 50)

Conforme nos mostram os dados descritos na tabela 2, a sobreposição do grau dimensivo com o avaliativo foi mais frequente na Carta do Leitor, enquanto na Coluna Social predominou a associação do dimensivo com o afetivo. Vemos, portanto, que, em ambos os gêneros textuais, a maior sobreposição se deu com o grau dimensivo ligado a outro tipo. Esse fato provavelmente tem a ver com o conteúdo proposicional dos textos que compõem nosso *corpus*, dado que, tanto na Carta do Leitor quanto na Coluna Social, o redator faz alusão a aspectos e a pessoas ligados ao mundo objetivo, tecendo sobre eles comentários apreciativos, avaliativos, carregados de subjetividade.

Expostos os quantitativos referentes às ocorrências dos sufixos graduadores nominais, passemos agora à discussão sobre aspectos semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos implicados no uso desses elementos mórficos.

Aspectos semântico-cognitivos no uso de sufixos graduadores nominais

Contemplamos aqui a análise de fatores de ordem semântica e cognitiva que estão envolvidos no uso de sufixos graduadores nominais. Conforme proposta de Silva (2014) por nós adotada e segundo levantamento de dados a que procedemos, existem diferentes valores associados à utilização desses sufixos, quais sejam: dimensão, quantidade, intensidade, hierarquia, avaliação e afetividade. Esses valores contribuem para a construção do sentido dos textos em que figuram e são bastante relevantes para o alcance do propósito comunicativo. Observemos a atuação desses afixos graduadores por meio da análise de ocorrências, conforme segue.

- (9) No mundo do pessoal de bota, chapéu e cinto de fivela, ele já está ficando lendário. Sorocaba – nascido Fernando Fakris de Assis -, 30, que faz dupla com o simplesmente Fernando, é o autor da maioria dos sucessos do cantor Luan Santana. Além disso, empresaria artistas do estilo sertanejo universitário (“Em que falamos mais de amor, não de sexo e cachaça”). Dois deles, Henrique e Diego, despontam tocando em trios elétricos sertanejos (parece uma invenção infernal, mas existe). Sorocaba é tido como um empresário **durão**. “Quis comprar um carro novo, e ele disse que o meu ainda dura mais cinco anos. Depois, quis um apartamento, e ele me mandou ficar em hotel mesmo”, conta Henrique. “Não pode sair torrando tudo o que ganha”, explica Sorocaba sobre o estilo rédea curta. (*Gente*, 6 abr. 2011, p. 87)

Em (9), o colunista, ao destacar o viés empresarial do cantor Sorocaba, expõe o seu caráter bastante rígido. Isso é perceptível, entre outras coisas, pelas escolhas lexicais, a exemplo do adjetivo *duro* e da expressão *rédea curta*. Além disso, concorrem para a construção desse perfil de rigor, de dureza, as falas de Henrique, empresariado por Sorocaba (*Quis comprar um carro novo, e ele disse que o meu durava mais cinco anos. Depois quis comprar um apartamento, e ele me mandou ficar em hotel mesmo.*), e a do próprio Sorocaba (*Não pode sair torrando tudo o que ganha*). Nesse contexto, o uso do sufixo *-ão* em *durão* também contribui para a construção da ideia de rigor do cantor Sorocaba ao encarecer, intensificar o quão duro ele é como empresário.

- (10) O bom **velhinho** ataca novamente

Era noite de Natal, mas a narrativa envolve **coelhinha** em lugar de renas. Durante a troca de presentes, Hugh Hefner, 84, fundador da revista PLAYBOY e eterno usuário de pijamas de seda, deu uma **caixinha** para a sua namorada, a modelo Crystal Harris, 24 (fizeram a conta?), capa da edição de dezembro da revista. E o que havia dentro. Nossa, um anel de noivado! “Crystal desfez-se em lágrimas. Foi uma noite memorável”, contou, pelo twitter, o bom **velhinho**. Hefner já teve duas outras mulheres e, no começo de 2010, quando oficializou o último divórcio, afirmou que nunca mais se casaria. Será que overdose de **balinha** azul causa uma certa confusão ou depois de uma certa idade não faz diferença? (*Gente*, 5 jan. 2011, p. 99)

Nesse texto, o redator comenta a atitude do fundador da revista PLAYBOY ao presentear a namorada com um anel de noivado. Dado que se trata de presente natalino e considerando a idade e a posição social de Hugh Hefner (ele tem 84 anos e é fundador da revista), o texto faz uma associação entre Hefner e Papai Noel, por meio do uso da expressão *bom velhinho*. Longe de essa associação ser um elogio, ela concorre, na verdade, para o propósito comunicativo do texto de fazer julgamento, apreciação da atitude de um senhor de 84 anos que se relaciona com uma jovem de 24 anos. A diferença de idade entre eles é, aliás, um ponto enfatizado por meio de expressão parentética (*fizeram a conta?*). Também

contribuem para a avaliação do redator os usos do sufixo *-inho*, nas ocorrências em *velhinho*, *coelhinha* e *balinha*. Notemos que, nos dois primeiros termos, o emprego do sufixo concorre para a referida associação entre Hefner e Papai Noel, enquanto em *balinha*, o sufixo contribui para a construção da ironia do autor do texto ao referir-se ao uso de estimulante sexual por parte do “*bom velhinho*”. É possível perceber, assim, que um dos efeitos de sentido criados é o de que o relacionamento do casal envolve interesse por parte da modelo, em termos de querer promover-se por meio da influente posição social de Hefner (ela foi capa da revista, que tem grande circulação).

Além de o uso de sufixos graduadores nominais concorrerem para a construção de sentidos do texto, é importante observar que alguns desses sentidos estão mais ancorados na experiência concreta, ao passo que outros vinculam-se mais à abstração. Os valores mais abstratos derivam dos sentidos mais vinculados à concretude, por meio de relações associativas e de contiguidade, envolvendo, portanto, processos metafóricos e/ou metonímicos. Vejamos o que ocorre em (11), (12) e (13).

- (11) A respeito da reportagem “Sacolas plásticas na mira”, gostaríamos de esclarecer que o estudo encomendado pelo governo britânico sobre o impacto de diversos tipos de sacola mostrou que a **sacolinha** de plástico tem melhor desempenho ambiental em oito das nove categorias avaliadas. Ela também apresenta a menor geração de CO₂, responsável pelo efeito estufa, em seu processo produtivo. (*Carta do Leitor*, 15 jun. 2011, p. 51)
- (12) Emérita encantadora de milionários, a indiana Padma Lakshmi, 40 anos, ex-modelo, ex-mulher do escritor Salman Rushdie, apresentadora do reality show *Top Chef*, teria tudo para sair com fama de bruxa do processo movido contra ela por Adam Dell, 41, da família da Dell Computadores, pela guarda da filha dos dois, Krishna, 2. Ocorreu exatamente o contrário. Dell alega ter sabido da gravidez quando já haviam terminado, diz que Padma torcia para que o pai fosse Ted Fortsmann, seu novo e **riquíssimo** namorado (frustrou-a um exame de DNA), reclama que seu nome nem consta da certidão e que quase não vê a menina. Por vingança, pede a guarda total de Krishna. E fez questão de espalhar todos os detalhes do processo sigiloso. Pacote completo de canalhices. (*Gente*, 9 fev. 2011, p. 85)
- (13) O caixa está estourado? Não é minha culpa. Paguei os meus impostos, doei quase cinco meses de meu trabalho a vocês (governo), sem falhar. Todos os meses, eu lia que a arrecadação de tributos batia recorde atrás de recorde. Mesmo assim, não vi ainda para onde foi o meu dinheiro, pois as escolas continuam péssimas, as rodovias caindo aos pedaços, os hospitais públicos em estado de calamidade, os aeroportos estão precários e, vira e mexe, uma região vive apagões. Se o serviço tivesse melhorado, tudo bem. Mas vejam só: para tirar um simples passaporte levamos hoje mais de um mês! Portanto, não me venham falar em “cortes profundos” nem em “dor”. Eu aqui, que paguei tudo direitinho, e não foi pouco, não tenho nada com isso. Se houver sacrifício, que seja aí, entre vocês (governo), que devem saber o que fizeram com aquele **dinheirão** todo que eu lhe dei em suas mãos. Eu “tô fora”! (*Carta do Leitor*, 23 fev. 2011, p. 32)

O texto em (11) comenta a reportagem *Sacolas plásticas na mira*, que, por sua vez, aborda como a sacola plástica agride o meio ambiente. Na carta, o autor faz algumas considerações sobre esse produto revelando que, dentre as sacolas existentes, a de plástico ainda possui melhor desempenho ambiental e ainda apresenta a menor geração de CO₂. Para se referir à sacola, o leitor utiliza o substantivo *sacolinha*. Nesse caso, o uso do sufixo *-inha* relaciona-se a propriedades dimensionais do objeto mencionado, indicando-lhe o tamanho diminuto e/ou a menor espessura. Nesse sentido, notamos que o emprego do sufixo está vinculado a um objeto do mundo biofísico, mais concreto, portanto.

Em (12), o autor da coluna fala sobre a ação movida por Adam Dell contra Padma Lakshmi pela guarda da filha dos dois, Krishna. Além disso, mostra que a indiana esperava que a filha fosse do seu atual namorado, Ted Fortsmann, mas o exame de DNA provou o contrário. Com isso, Dell luta pela guarda total da filha. Ao se referir ao novo namorado da apresentadora, o colunista utiliza o adjetivo *riquíssimo*. O emprego do sufixo *-íssimo*, nesse contexto, serve para enfatizar o poder aquisitivo de Fortsmann, mostrando que este não é simplesmente *rico*, mas apresenta riqueza em quantidade superior (é muito rico), o que é feito por meio da intensificação da ideia contida no adjetivo. Esse encarecimento da noção de riqueza se dá por meio de operações cognitivas, envolvendo projeção metafórica, em que se parte de um conceito relacionado à experiência concreta (a noção de grande quantidade em dinheiro ou de bens, ou seja, *muito* em termos quantificáveis) para o conceito de intensidade (*muito* com valor intensivo). Esse processo metafórico baseia-se no esquema cognitivo INTENSIDADE É QUANTIDADE (LAKOFF, 1987; TAYLOR, 1992), em que *muito* (indicador de quantidade) passa a ser interpretado como intensificador (no caso da amostra, a intensificação é codificada pelo sufixo *-íssimo*).

Na carta do leitor em (13), temos a reclamação de um brasileiro insatisfeito por ter pago enorme quantidade de impostos ao Estado e não ver, em contrapartida, melhorias nos serviços públicos no Brasil. Ao aludir à quantia paga, o redator a chama de *dinheirão*. O sufixo *-ão*, agregado a *dinheiro*, refere-se à alta quantia que foi gasta com os impostos, não ao tamanho do dinheiro, por exemplo. Desse modo, a noção de valor monetário é associada à ideia de quantidade por uma relação de contiguidade entre os dois conceitos, isto é, ao alto valor gasto em impostos corresponde a ideia de grande quantidade de dinheiro. Temos, portanto, um processo de metonimização, no sentido de que a noção de quantidade é mapeada

em termos de tamanho, dado que o acréscimo de itens a um conjunto de objetos, por exemplo, resulta em aumento de seu volume/tamanho (BISPO, SILVA; 2013).

Aspectos discursivo-pragmáticos no uso de sufixos graduadores nominais

Na subseção anterior, vimos que os sufixos graduadores nominais auxiliam na construção do sentido dos textos e que alguns podem estar mais ancorados na concretude enquanto outros envolvem conteúdos mais abstratos. Agora, veremos como as relações de objetividade, subjetividade e intersubjetividade estão envolvidas na utilização desses elementos mórficos.

Nos dados de nosso *corpus*, notamos que alguns usos dos sufixos graduadores vinculam-se à caracterização mais objetiva dos referentes dos nomes a que eles estão ligados, enquanto outros usos voltam-se à manifestação da subjetividade do redator, em termos de expressão de pontos de vista, de avaliações e julgamentos, estando mais relacionados à abstração. Observamos, também, que algumas ocorrências com esses sufixos estão associadas a questões intersubjetivas, implicando a consideração do leitor por parte do redator/colunista com vistas a ganhar sua anuência, a fazer com que ele adira a um determinado posicionamento, compartilhe determinada visão de mundo, aja de certo modo. A seguir, examinamos algumas amostras de nosso *corpus* a fim de verificar a manifestação dessas questões mais pragmáticas.

- (14) É bem verdade que mesmo em quadra, de **camisetão** e rabo de cavalo, a jogadora da seleção brasileira de vôlei Sheila Castro, 27, já chama atenção. Produzida para ressaltar o 1,86 metro de altura, vira praticamente outra mulher. “Adoro minhas pernas”, assume. “Como chocolate, risoto e doce de leite à vontade, porque não engordo”, diz, e, “apesar das broncas do Bernadinho, não corto o cabelo de jeito nenhum”. E quanto à escritura no pé direito? “Disso eu não falo mesmo”, fecha-se. Especulação: é o trecho de um reggae romântico, feito para um amor secreto. Com a proximidade da Copa Pan-Americana, Sheilla só pensa naquilo: “Estou focada. Treino sete horas por dia.” (*Gente*, 15 jun. 2011, p. 111)

Em (14), o redator ressalta algumas características da jogadora de vôlei Sheila Castro como também mostra algumas de suas preferências. A primeira frase do texto traz uma caracterização mais objetiva da jogadora: *de camisetão e rabo de cavalo*. Ao mencionar a vestimenta utilizada por Sheila em quadra, o autor do texto emprega o sufixo *-ão*, o qual se refere ao tamanho da camisa, ou seja, a uma propriedade física do objeto: a dimensão. Esse emprego do sufixo relaciona-se, portanto, ao mundo físico, concreto, objetivo e concorre, no

contexto de uso, para a descrição inicial da atleta do vôlei, sem manifestação explícita de posicionamento do colunista a respeito dessa caracterização.

- (15) Corajoso e **corretíssimo** o artigo “Cara presidente” (4 de maio), do jornalista Roberto Pompeu de Toledo. Não é preciso esperar pela copa de 2014 para ter uma ideia do que vai acontecer: basta visitar o aeroporto de Congonhas ou o de Cumbica num fim de semana. O Brasil fantasioso do “Ouro”, como escreveu Pompeu, está sendo vítima de um insandecido que raciocina pelos pés e, infelizmente, grande parte da população ainda o idolatra. **Eta, povinho!** Dilma tem nas mãos a oportunidade ideal para uma atitude drástica, mas que fortalecerá sua administração e livrará o Brasil de um vexame de proporções inimagináveis.

Na Carta do Leitor em (15), temos a manifestação do ponto de vista de um brasileiro em relação ao então despreparo do Brasil para a Copa do Mundo de 2014. Cita, como exemplo, o caso dos aeroportos paulistas, sugerindo que eles não tinham condições, à época, de atender à demanda decorrente do Mundial. Além disso, critica a pessoa responsável pelo projeto de candidatura do Brasil à sede do evento esportivo, referindo-se a ele como “insandecido que raciona pelos pés”, no caso o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. Crítica também é direcionada à parte da população que ainda o apoia: o leitor utiliza a expressão *Eta, povinho!*. Nesse contexto, o sufixo *-inho* é usado para avaliar negativamente essa parte da população, associando ao item lexical ao qual está agregado o elemento mórfico um valor depreciativo. Esse emprego de *-inho* possui, portanto, um viés subjetivo, com a expressão de julgamento do autor do texto em relação ao conteúdo de que ele trata, conforme caracterizam Traugott e Dasher (2002).

Ainda no mesmo texto, temos outra ocorrência com sufixo graduador nominal: *-íssimo*. Ao elogiar o artigo do jornalista Roberto Pompeu de Toledo, o autor utiliza o adjetivo *corretíssimo*. Emprega o sufixo em questão para intensificar a noção expressa por *correto*, de modo a encarecer/ destacar a conformidade com o posicionamento explicitado por Toledo. Ou seja, o uso do sufixo também contribui para a manifestação da opinião do redator da carta. Relaciona-se, assim, à expressão da subjetividade, concorrendo para o propósito comunicativo do texto. Vemos, em todo o texto, aliás, vários elementos que marcam sua forte carga subjetiva: escolhas lexicais (*vítima; insandecido que raciocina pelos pés; correto*), elogio a um texto cujo autor partilha de mesma opinião sobre o tema em foco, e, naturalmente, emprego dos sufixos *-íssimo* e *-inho*. Estes últimos, vale lembrar, apresentam, nesse contexto, usos mais abstratizados.

- (16) Menos **boquinhas**, menos **mãozinhas**, menos **meinhas**, **cuequinhas**, **malinhas**, **continhas**, enfim, menos **jeitinhos** de tirar o **dinheirinho** do país para proveito próprio. Se Dilma conseguir só essa **façanhazinha**, já terá valido sua eleição. (*Carta do Leitor*, 19 jan. 2011, p. 26)

Por fim, o texto em (16) apresenta várias ocorrências do sufixo *-inho*. Trata-se, também, de uma Carta do Leitor, na qual o autor critica, de forma bastante irônica, casos de corrupção no Brasil. Ao fazer alusão a escândalos envolvendo diversas pessoas, as quais, por meios vários, roubaram dinheiro público, o redator usa termos que dizem respeito: i) ao ato de roubar (*boquinhas*, *mãozinhas*), por meio de metáfora; ii) aos meios de que se valem para a prática do roubo (*continhas*, *jeitinhos*), também por metaforização; iii) aos meios pelos quais o dinheiro da corrupção foi transportado (*meinhas*, *cuequinhas*, *malinhas*), por processo metonímico; iv) à forte ironia em relação ao valor roubado (*dinheirinho*) e em relação à natureza da atitude da recém-empossada presidente (*façanhazinha*). A carta em análise também se caracteriza por apresentar enorme carga de subjetividade, a qual revela a avaliação, o julgamento de seu autor, aliada a um teor de intersubjetividade, dado que implica a intenção de envolver o leitor, buscando-lhe a adesão à opinião defendida, a concordância com o julgamento feito. A expressão da subjetividade pode ser notada pela própria seleção lexical utilizada pelo redator e pela abundância do uso do sufixo graduador nominal *-inho*. Ele emprega os termos “menos boquinhas” e “menos mãozinhas”, para fazer referência à grande quantidade de pessoas que roubam o dinheiro público; a palavra “dinheirinho” para indicar, ironicamente, que o valor roubado é, na verdade, bastante elevado; e o item “façanhazinha”, que, também por ironia, aponta para significado exatamente oposto: diminuir os muitos casos de corrupção representa, na realidade, grande façanha. Esses usos revelam, também, o propósito do autor em envolver o leitor, dada a maneira como organiza seu texto, convidando-o a compreender as relações metafóricas e metonímicas implicadas, a entender a ironia de que se revestem, mais particularmente, algumas expressões; enfim, na (re)construção dos sentidos do texto, de modo a que se alcance o propósito comunicativo. Tudo isso, na busca de, de algum modo, ganhar-lhe a concordância em relação ao assunto tratado.

Também é importante destacar que os usos dos sufixos indicadores de grau contribuem para a organização textual-discursiva das ideias, em termos de distribuição da informação. No caso da carta em (16), por exemplo, há uma sequência de nomes com o sufixo *-inho*, os quais estão ordenados em função das ideias para as quais aponta o emprego desse elemento: as

peças que roubam o dinheiro público (*boquinhas, mãozinhas*), os meios de transportar o dinheiro roubado (*meinhas, cuequinhas, malinhas*), as artimanhas de que se valem para a prática do roubo (*continhas, jeitinhos*), a quantidade, em termos indefinidos, do dinheiro roubado (*dinheirinho*) e, como desfecho, a avaliação da atitude que se espera da então presidente (*façanhazinha*).

Considerações finais

Tomando por base uma perspectiva funcional centrada no uso no estudo de fatos linguísticos, investigamos o emprego de sufixos graduadores nominais em textos reais, efetivamente realizados. Consideramos o tratamento dado por gramáticos tradicionais e a abordagem feita por linguistas ao grau, além da proposta de classificação semântica proposta por Silva (2008, 2013, 2014).

Quanto aos objetivos que nortearam este trabalho, as discussões aqui empreendidas revelaram que o uso dos sufixos podem expressar valores relacionados à dimensão, à quantidade, à hierarquia, à avaliação e à afetividade e que desempenham papel significativo na construção de sentidos dos textos em que eles ocorrem. Além disso, percebemos que alguns desses sentidos estão relacionados ao mundo biofísico enquanto outros se relacionam à abstração. Os conceitos mais abstratos derivam de nossa experiência concreta e são construídos por extensão metafórica e/ou metonímica.

Constatamos também que existem outras questões fundamentais envolvidas no emprego dos sufixos graduadores nominais, que são as relações de objetividade, subjetividade e intersubjetividade. Notamos que quando os nomes a que se vinculam esses sufixos fazem referências a seres do mundo biofísico, o uso do uso dos sufixos relaciona-se mais à objetividade. Outros usos dos sufixos graduadores contribuem para a manifestação da subjetividade do autor texto, enfatizando o ponto de vista defendido ou a avaliação, o julgamento feito. Além disso, alguns desses usos estão vinculados a relações intersubjetivas, no sentido de que estão implicadas as relações entre escrevente e leitor, para fins de persuasão, monitoramento da atenção, condução a um determinado ponto de vista ou atitude. Vimos ainda que esses elementos mórficos também atuam na organização textual-discursiva em termos de distribuição das ideias no texto.

Referências

- BASILIO, M. **Teoria Lexical**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Aspectos (inter)subjetivos no uso de sufixos graduadores nominais. In: Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, 4, Natal/RN. **Anais...** Natal/RN: EDUFRN, 2013, p. 80-90.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.
- CARVALHO, V. G. de. **Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas no uso de sufixos graduadores nominais**. 106f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). UFRN/PPgEL: Natal-RN, 2015.
- CRUZEIRO, M. E. **Processos de intensificação no português dos séculos XIII a XV**. Lisboa: PCEF (18), 1973.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FONSECA, J. Sintaxe, semântica e pragmática das comparações emblemáticas e estruturas aparentadas. In: **Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas**. II série, v. II, p. 213-250. Porto: Universidade do Porto, 1985.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. et al. (Orgs.) **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2007.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2013, p. 13-39.
- GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. vol. II, Amsterdam: John Benjamins, 1990.
- _____. **A compreensão da gramática**. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha et al. São Paulo: Cortez, 2012.
- GONÇALVES, C. A. A função indexical das formações x-íssimo, x-érrimo e x-ésimo no português do Brasil. In: **Veredas** (Revista de Estudos Linguísticos), n. 9, jul/dez., p. 47-59, Juiz de Fora/MG: UFJF, 2003.
- _____. Flexão e derivação: o grau. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 149-168.

HEINE, B. Grammaticalization as an exploratory parameter. In: PAGLIUCA, W. (Ed.). **Perspectives on grammaticalization**. (Current issues in linguistic theory). v. 109. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1994. p. 255-287.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: CUP, 1987.

_____.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

_____.; TURNER, M. **More than cool reason**: a field guide to poetic metaphor. Chicago/ London: CUP, 1989.

_____.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**. v. 1.: Theoretical prerequisites. Stanford: SUP, 1987.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19-36.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MELO, I. F. A intensificação como mecanismo de avaliação implícita em narrativas orais. In: **Ao Pé da Letra**: revista dos alunos de graduação em Letras. v. 5., n. 1/2, dez., p. 37-43. Recife-PE: UFPE, 2003.

ROCHA LIMA, C. H.. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 48 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

SILVA, J. R. **Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticos nos processos de intensificação**. 307f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Natal/RN: PPgEL, 2008.

_____. Aspectos mórficos e semântico-pragmáticos do grau: uma proposta de contribuição ao ensino de Português. In: MARTINS, M. A. (Org.). **Gramática e ensino**. Natal: EDUFRN, 2013, p. 119-148.

_____. **O grau em perspectiva**: uma abordagem centrada no uso. São Paulo: Cortez, 2014.

STAUB, A.; REGUEIRA, P. B. A estrutura do superlativo absoluto sintético português. In: **Letras de Hoje**. Rio Grande do Sul: PUC-RS, 1973.

TAYLOR, J. R. **Linguistic categorization**: prototypes in linguistic theory. Great Britain: Laredan Paper backs, 1992.

_____. Syntactic construction as prototype categories. In: TOMASELLO, M. (Ed.). **The new psychology of language**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TOMASELLO, M. Introduction: a cognitive-functional perspective on language structure. In: _____. (Ed.). **The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure**. New Jersey: LEA, 1998, p.vii-xxiii.

_____. (Ed.). **The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure**. v. 2. Mahwah, NJ/London: LEA, 2003.

TRAUGOTT, E. C.. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K. et al. (eds.). **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2010, p. 29-71. (Topics in English Linguistics, 66).

_____.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: CUP, 2002.